

Ecologia estética: com o pragmatismo e além¹

Jorge Cardoso Filho²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Resumo

Relações entre estética e ecologia, partindo da filosofia pragmatista (de Peirce, James e Dewey, por exemplo) e vai além (pensando nos saberes dos povos originários, como Ailton Krenak). O trabalho aponta conexões entre os modos de viver presentes nestas diferentes tradições e que podem nos ajudar a pensar o papel da estética em diversos fenômenos da vida e do cotidiano de uma forma não exclusivamente dependente ou vinculado às indústrias de entretenimento, mas nas relações com o ambiente. O artigo está dividido em três partes: apresenta os fundamentos pragmatistas sobre a experiência estética; faz uma discussão sobre morfologias corporais e ambientes; por fim, apresenta desafios para pesquisas futuras numa lógica da ecologia estética.

Palavra-chave: Experiência estética; Interação; Ecologia; Saberes Tradicionais.

Não colocar em risco a existência do Outro

A intervenção de Ailton Krenak, ainda jovem liderança dos povos indígenas, durante a sessão da Assembléia Constituinte de 1987, é fundamental para pensar essa relação entre estética e ecologia. No seu discurso, enquanto pinta o rosto com tinta de jenipapo, em forma de protesto ao modo como os povos indígenas foram ignorados durante a elaboração do documento pétreo da república brasileira, Krenak aponta que "os povos indígenas têm um jeito de viver, de expressar sua cultura e suas tradições que não coloca em risco a existência sequer dos animais à sua volta" (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ildN6lyXDNE>). O que essa frase representa para uma relação entre estética e ambiente é fundamental para a perspectiva que instauramos aqui.

Podemos considerar que a afirmação de Krenak nos informa sobre um modo de viver não extrativista que os povos indígenas estabelecem com o ambiente. Uma relação

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação (UFMG), professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. E-mail: cardosofilho.jorge@gmail.com.

mais harmônica, seguindo uma lógica de interações que possuem ritmo, que respeitam as criaturas e os ambientes envolvidos na relação. Para quem está familiarizado com o pensamento do filósofo pragmatista John Dewey, percebe que usamos termos que surgem no pensamento dele sobre *Arte como Experiência*, livro originalmente publicado em 1934 e que continua exercendo um importante papel nas teorias estéticas, sobretudo se o tomarmos como um precursor desse pensamento naturalista.

O conceito de experiência como proposto pelo pragmatismo norte-americano, sobretudo na perspectiva de John Dewey, trata desse tipo de questão. Como interação que se desenvolve entre criatura e ambiente, a experiência guarda uma importante dimensão de convencionalidade e reconhecimento, mas simultaneamente permite a emergência de singularidades que modificam as interações. Nessas ocasiões, Dewey fala em *uma experiência*, dotada de tal unidade e completude que marca as interações posteriores. Como não é possível prescindir daquela relação estabelecida, *uma experiência* ganha uma qualidade única que permite diferenciá-la das demais experiências cotidianas.

Compreendemos portanto a ideia segundo a qual experiência é interação entre criaturas e ambientes e que experiência estética é a interação que marca os envolvidos na relação (tanto criaturas quanto ambientes).

Morfologias corpóreas e abordagem ecológica

A palavra ecologia vem do grego *oikos* e *logia*, com o significado de "o estudo da casa", e compreende pensar as relações entre os seres no ambiente em que vivem. Podemos pensar então que se trata do estudo da interação dos seres com o ambiente - inclusive naquelas interações marcantes e, por que não dizer, estéticas. Se partimos do pragmatismo de John Dewey encontramos fundamento para pensar uma ecologia das experiências e das experiências estéticas.

Um levantamento das experiências de percepção visual foi sistematizado pelo trabalho do psicólogo norte americano James Jerome Gibson em *The Ecological Approach to Visual Perception*, 1979. Nesse livro, Gibson está interessado em

demonstrar como muita da chamada experiência de percepção visual dos seres vivos (e ele começa seu estudo pela percepção visual dos animais) está amparada nas respectivas morfologias corporais. "animal e ambiente formam um par inseparável. Cada termo implica o outro. Nenhum animal poderia existir sem um ambiente ao seu redor. Da mesma forma, embora não tão óbvio, um ambiente implica um animal (ou pelo menos um organismo) a ser cercado" (GIBSON, 2015, p. 04).

Nós também somos animais, no sentido em que Gibson chama atenção aqui. E um animal de espécie "privilegiada", de algum modo. Possuímos sistema nervoso complexo, telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor (como diria Jorge Furtado, em *Ilha das Flores*). Ainda mais, Gibson aponta para a morfologia corporal humana (olhos em um crânio, sustentado por um corpo, acima da superfície, muito próximos ao cérebro) é fundamental para essa affordance com o mundo. Essas características permitem nossa interação com o ambiente de um determinado modo. Como uma vez relatado pelo colega Benjamim Picado, ao se debruçar sobre o livro de Umberto Eco, *Kant e o Ornitorrinco*, narrando como seria nossa relação com o mundo se tivéssemos os olhos nos dedos, e não no rosto.

É possível imaginar vários dessas situações em que não nos sentimos em sintonia com o ambiente (pés úmidos numa cidade com neve, vasos sanitários de adultos para serem usados por crianças, um espaço muito frio, ou muito quente que nos impede de realizar algumas de nossas obrigações etc.). O corpo do ambiente, deste modo, pode ser considerado hostil, desagradável ou mesmo opressor. Por outro lado, podemos pensar em como seria a percepção do mundo (e portanto, a interação com ele) a partir de outras características morfológicas (criatura que tivessem asas e não braços, ou se fôssemos uma barata gigante, como sugeriu Franz Kafka no seu conto *A Metamorfose*). Há uma dimensão fisiológica aqui que deve ser considerada.

Focando os corpos humanos, Richard Shusterman, um filósofo pragmatista que se aproximou e desenvolveu a proposição de John Dewey, retoma os constantes elogios que Dewey fez à teoria da força dos hábitos corporais de Frederick Matthias Alexander a fim de construir uma justificativa para a suas proposições. Há uma interdisciplinaridade no seu pensamento que integra a filosofia pragmatista ao mundo

cotidiano, nas articulações com aspectos biológicos, fisiológicos e mesmo no que Shusterman (2012) vai posteriormente chamar de uma estética somática (somaesthetics),

Essa noção relacional simbiótica do eu inspira uma noção mais extensiva do melhorismo somático, em que também somos encarregados de cuidar das capacidades ambientais de nossos eus corporificados e de nos harmonizarmos com elas, e não só com partes do nosso corpo (SHUSTERMAN, 2012, p. 322).

Se para Shusterman o foco é o nosso corpo, podemos ampliar essa noção a partir do pensamento de Gibson para pontuarmos que nossos corpos estão entrelaçados com outros corpos do ambiente e as experiências que se desenvolvem dependem do modo como criaturas e ambientes se consomem mutuamente. Para Gibson, “o ambiente de animais e homens é o que eles percebem (...) o ambiente persiste em alguns aspectos e muda em outros. A mudança mais radical é deixar de existir ou passar a existir” (2015, p. 11).

Há algumas espécies que precisam de oxigênio para sobreviver, outras produzem oxigênio a partir de outros gases na atmosfera. Nesse sentido, rios, montanhas, mares, plantas e outros seres vivos (nos cabe pensar também em outros seres) possuem a capacidade de “experienciar”, desde que estabeleçam relações de troca e interação com seus respectivos ambientes. As narrativas dos povos originários tem nos revelado um grande conjunto de fenômenos com essa característica - projetos como *Video nas Aldeias*, de Vincent Carelli, ou *Encontro de Saberes*, de José Jorge Carvalho etc. Retomando o questionamento de Ailton Krenak em um de seus livros, como podemos "adiar o fim" dessas experiências?

Os desafio de uma ecologia estética

Em um projeto que venho participando, atualmente, estamos discutindo os chamados Blue Humanities (Humanidades Azuis) e as transformações nas experiências com os oceanos Índico e Atlântico Sul, considerando as rotas históricas de escravidão e as sobrevivências de práticas culturais e visuais entre países como Brasil, Angola,

Moçambique, Nigéria, Quênia e África do Sul. É uma questão de garantir a existência dessas experiências. E perceber que garantir a existência não pode se confundir com garantir que se repita. Queremos garantir que a memória da escravidão no Brasil exista, queremos conhecer essa história, e queremos que a experiência não se repita. Há muitos espaços em Salvador, minha cidade natal, em que os vestígios da experiência de escravidão foram totalmente apagados e transformados em um produto (mercadoria, alienada de sua própria história).

No nosso caso, compreendemos que essas “sobrevivências” podem ser de ordem do prazer e também do trauma - ou seja, pensar uma ecologia estética em que os ambientes são sensíveis não significa pensar apenas em harmonia sem haver “destruição”. Quando o corpos de escravizados eram jogados ao mar, nas rotas atlânticas, isso passou a alterar o fluxo de caça de tubarões, por exemplo. Ao mesmo tempo, essa diáspora manteve práticas religiosas de matriz africana extremamente presentes e consolidadas nas Américas, que já são raras nos próprios países africanos - graças às relações de interação e cooperação com os povos originários.

Referências

DEWEY. J. **Art as experience**. New York: Perigee Books, 1934.

GIBSON. J. **The ecological approach to visual perception**. 2nd. Edition. New York/ London: Psychology Press, 2015.

KRENAK. A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SHUSTERMAN. R. **Consciência Corporal**. Rio de Janeiro: E-Realizações, 2012.